

## **PROCESSOS FORMATIVOS VISANDO A ACESSIBILIDADE LINGUÍSTICA PARA O SURDO: um relato de experiência**

**PROCESOS FORMATIVOS DIRIGIDOS A ACCESIBILIDAD LINGÜÍSTICA**

**PARA EL SURDO: una relación de experiencia**

**TRAINING PROCESSES AIMED AT ACCESSIBILITY FOR DEAF PEOPLE:**

**an experience report**

Eliana da Silva Neiva Brito  
Universidade do Estado da Bahia-UNEB  
[neivabrito@yahoo.com](mailto:neivabrito@yahoo.com)

Cláudia Paranhos de Jesus Portela  
Universidade do Estado da Bahia-UNEB  
[claudiaparanhos3@gmail.com](mailto:claudiaparanhos3@gmail.com)

Jacilene Fiúza de Lima  
Universidade do Estado da Bahia-UNEB  
[jflima@uneb.br](mailto:jflima@uneb.br)

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar alguns processos formativos dentro de um grupo de pesquisa que tiveram como intuito promover a inclusão e acessibilidade com os surdos em instituições escolares e o aumento da representatividade e participação ativa dos surdos nas atividades e eventos de ambientes acadêmicos. A tríade espaço-visual-motor, é a forma comunicacional do surdo estar no mundo, já que os olhos dos surdos fazem também o papel dos ouvidos e segundo esta premissa estabelecemos o seguinte problema de pesquisa: Como promover a inclusão e acessibilidade com os surdos na ambiente acadêmica, visando o aumento da representatividade e participação ativa dos surdos nas atividades e eventos de instituição escolar e universitária? Dessa forma, apresentamos um estudo de cunho descritivo, tipo relato de experiência de processos formativos em determinado grupo de pesquisa, que culminou em um curso básico de Libras – Língua Brasileira de Sinais, que contribuiu para fomentar ações para o uso da Libras na ambiente acadêmica. Para avaliar as experiências, utilizamos metodologia de pesquisa qualitativa, com a observação dos posicionamentos dos participantes, por meio de perguntas diretas nos encontros, para feedbacks e percepções dos mesmos sobre a eficácia das estratégias pedagógicas propostas. A partir dessas avaliações, conclui-se a necessidade de aprimoramento contínuo das práticas inclusivas visando possíveis melhorias voltadas à inclusão com os surdos na ambiente acadêmica.

**Palavras-chave:** Inclusão. Libras. Curso de Extensão.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo analizar algunos procesos formativos dentro de un grupo de investigación que tuvo como objetivo promover la inclusión y accesibilidad con las personas sordas en las instituciones escolares y el aumento de la representatividad y participación activa de las personas sordas en actividades y eventos del ámbito académico. La tríada espacio-visual-motora es la forma comunicacional de las personas sordas de estar en el mundo, ya que los ojos de las personas sordas también cumplen el papel de oídos y según esta premisa establecimos el siguiente problema de investigación: ¿Cómo promover la inclusión y la accesibilidad con personas sordas en el entorno académico, con el objetivo de aumentar la representación y participación activa de las personas sordas en actividades y eventos en instituciones escolares y universitarias? De esta manera, presentamos un estudio descriptivo, informe de experiencia del proceso de formación en un grupo de investigación privado, que culminó con un curso básico de Libras - Lengua de Signos Brasileña que contribuyó a promover acciones para el uso de Libras en el ámbito académico. Para evaluar las experiencias



utilizamos metodología de investigación cualitativa, observando las posiciones de los participantes, a través de preguntas directas en las reuniones, para retroalimentación y sus percepciones sobre la efectividad de las estrategias pedagógicas propuestas. De estas evaluaciones, se concluye que existe una necesidad de mejora continua de las prácticas inclusivas, apuntando a posibles mejoras encaminadas a la inclusión de las personas sordas en el entorno académico.

**Palabras clave:** Inclusión. Libras. Curso de extensión.

**Abstract:** This article aims to analyze some formative processes within a research group that aimed to promote inclusion and accessibility with the deaf in school institutions and the increase of representativeness and active participation of the deaf in activities and events of academic environment. The space-visual-motor triad is the communicational way of deaf people being in the world, since the eyes of deaf people also play the role of ears and according to this premise we established the following research problem: How to promote inclusion and accessibility with deaf people in the academic environment, aiming to increase the representation and active participation of deaf people in activities and events at school and university institutions? In this way, we present a descriptive study, an experience report of training in a particular research group, which culminated in a basic Libras - Brazilian Sign Language course, which contributed to promoting actions for the use of Libras in the academic environment. To evaluate the experiences, we used qualitative research methodology, observing the participants' positions, through direct questions in the meetings, for feedback and their perceptions about the effectiveness of the proposed pedagogical strategies. From these evaluations, it is concluded that there is a need for continuous improvement of inclusive practices, aiming for possible improvements aimed at inclusion of deaf people in the academic environment.

**Keywords:** Inclusion. Pounds. Extension course.

## Introdução

A experiência descrita neste artigo teve início a partir do estranhamento ao perceber a ausência de graduandos surdos no Departamento de uma universidade pública. Esta observação levantou questões cruciais sobre a falta de representatividade e acessibilidade para pessoas surdas no âmbito acadêmico. Além disso, constatou-se a limitada participação de surdos em eventos não direcionados especificamente para eles, bem como a carência de intérpretes de Libras em tais ocasiões. A ausência de intérpretes nos eventos, inclusive aqueles que contavam com a presença de surdos, foi uma discrepância que chamou a atenção e instigou uma análise mais profunda.

A reflexão sobre a falta de acessibilidade surda e a comparação com a experiência positiva do I CEU – I Congresso de Extensão Universitária de uma universidade pública, no qual todas as mesas contaram com intérpretes, suscitou questionamentos propositivos. Indagou-se, entre outras coisas: **Como analisar alguns processos formativos dentro de um grupo de pesquisa que tiveram como intuito promover a inclusão e acessibilidade com os surdos em instituições escolares e o aumento da representatividade e participação ativa dos surdos nas atividades e eventos de ambiência acadêmica?**

Isso porque, as suposições sobre inclusão e diversidade na educação contemporânea é um tema recorrente que deve nortear as ações de todos na ambiência acadêmica em



direção ao tripé educacional: pesquisa, ensino, extensão. Por isso, encontrar nessa caminhada, um grupo que em meio às reuniões quinzenais mediados pelas coordenadoras do grupo, juntamente com outros professores, pesquisadores, alunos de graduação, mestrado e doutorado, discutem e praticam a inclusão, foi bem salutar. Observamos que os membros do grupo buscam constantemente conhecer e explorar o potencial criativo do grupo para articular formação, produção de materiais e recursos tecnológicos para distintos níveis de atuação. Os membros do Grupo de Pesquisa têm conhecimento das políticas educacionais, de forma colaborativa e interdisciplinar, e se tornam propositores de ações formativas tanto para a gestão educacional como no trabalho docente.

Sentimos que este seria um lugar propício para refletirmos sobre o isolamento linguístico do surdo e as barreiras na comunicação advindas dessa diferença linguística. Os surdos a que nos referimos são aqueles que escolhem a Libras como forma comunicacional. Por esse motivo, é importante destacar que direcionamos nosso trabalho com proposições contrárias a que tipifica o surdo como deficiente e inferimos a educação bilíngue como abordagem facilitadora da conversação e não como mudança de paradigma. A abordagem bilíngue traz para a educação a oportunidade de utilizar o formato bilíngue nos espaços comuns. Pelo fato de não ouvir, e na maioria das vezes não oralizar, a maior dificuldade do surdo é a comunicação, que na realidade não é um problema considerado orgânico e sim social. Trazemos essa reflexão a nossa preleção porque permearão nuances envolvidas nas transversalidades sócio educativas do surdo, e delineará hipóteses sobre a limitação específica do surdo não determinar suas desvantagens, e sim a diferença linguística existentes no meio que vivem.

Na perspectiva de ampliar o debate e propor ações concretas no sentido de promover formação docente e parcerias que contribuam para aprofundar as discussões acerca das campanhas do surdo por inclusão nos espaços comuns, respeito a sua cultura, acessibilidade linguística, adaptação curricular, escrevemos este artigo. Porque, sendo nossa universidade popular e inclusiva, uma das melhores formas de incluir os surdos no nosso espaço educacional é tornar possível a comunicação deles com as demais pessoas, através da Libras.

Assim objetivamos: Este artigo tem como objetivo analisar alguns processos formativos dentro de um grupo de pesquisa que tiveram como intuito promover a inclusão e acessibilidade com os surdos em instituições escolares e o aumento da representatividade e participação ativa dos surdos nas atividades e eventos de ambência acadêmica. Meio pelo qual, idealizamos equidade quanto a acessibilidade da pessoa surda nos meios acadêmicos.



A proposição em andamento possui abordagem qualitativa com levantamento bibliográfico para análise da temática, é uma pesquisa de natureza aplicada e desenvolvida através de procedimentos técnicos de cunho descritivo, tipo relato de experiência. Desse modo, a partir da experiência observada no Congresso de Extensão mencionado e das questões dele suscitadas, esse relato de experiência pontuará pelo menos quatro processos formativos no grupo que contribuíram para fomentar ações para o uso da Libras na ambiência acadêmica: 1. Palestra da Pró-Reitora no grupo; 2. Curso de extensão do grupo; 3. Colóquios do grupo; que culminaram no quarto processo, que foi o Curso de Libras básico para membros do grupo, sobre o qual nos deteremos mais um pouco.

Nesse intuito, faz-se necessário compreender que a formação para professor precisa ser contínua e continuada, que o conhecimento seja progressivo e sistematizado no sentido de inovar, vencer os desafios; deixar de ver a educação como processo apenas de integração, mas sim, como uma inclusão ativa dos surdos, fundamentada nas concepções de direitos humanos, pois a educação é um direito de todos, com garantia de acesso e permanência nas universidades.

## **Metodologia**

Diante da questão delimitada, propôs-se uma pesquisa de natureza aplicada que possui abordagem qualitativa com levantamento bibliográfico para análise da temática e parte de procedimentos técnicos de cunho descritivo, tipo relato de experiência na proposição. Os relatos são fruto dos quatro processos formativos no grupo e extra grupo, mencionados, que contribuíram para fomentar ações para disseminar o uso da Libras na ambiência acadêmica. Apesar de trazermos os relatos dos encontros, colóquio e dos cursos de extensão na revisão bibliográfica, nos deteremos de forma mais minuciosa no relato da metodologia usada para mediação do Curso de Libras básico para o grupo.

Logo, passado a fase de organização do curso, tivemos no dia quinze de outubro de 2022, o primeiro dia de aula e contamos com a presença de 12 (doze) pessoas interessadas em aprender a Libras. Ficou certo de nos encontrarmos todos os sábados, de dez a doze horas, com encontros divididos em 30h síncronas e 10h assíncronas.

O curso ocorreu na modalidade remota, na plataforma *Teams*, durante três meses, totalizando 40 horas. Pudemos no processo construir saberes sobre a Libras com os participantes do grupo de pesquisa, possibilitando uma comunicação efetiva através do aprendizado e uso desta língua em contextos diversos, demandados pelos objetivos



específicos de Identificar os fundamentos históricos e legais da Libras; conhecer as normas linguísticas para o uso da Libras, com foco na introdução gramatical e estrutural da língua e propiciar o desenvolvimento linguístico dos participantes do grupo de pesquisa para desenvolver o aprendizado da Libras como meio de comunicação real.

O desenvolvimento dos conteúdos contou com a utilização de diversas dinâmicas integradas favorecendo as diferentes maneiras de aprender. O curso foi pautado na concepção colaborativa de aprendizagem, contando com material didático consistente e as atividades realizadas no ambiente virtual de aprendizagem. No referido curso foram apresentados princípios básicos da Língua Brasileira de Sinais e também diversas atividades com tarefas escritas, jogos, brinquedos e brincadeiras. Conversações em grupo, dinâmicas, diálogos e dramatização de situações reais que complementam a parte teórica e prática do curso. A verificação de aprendizagem se deu durante as aulas online e através da participação em atividades propostas para as aulas, como a leitura do texto: Pelo desejo da língua: Uma entrevista com o Professor Luis Ernesto Behares (2017); texto que foi apresentado e discutido entre os alunos do curso, através de seis (6) perguntas feitas na entrevista, que também usamos com o grupo, para direcionar as discussões sobre surdez.

Um ponto culminante do processo formativo foi convidarmos em três momentos diferentes, três pessoas surdas para mediar alguns temas da ementa do curso e contar suas experiências acadêmicas. Um deles é estudante de Letras e 2 outros são formados em Design de Modas e em Educação Física, respectivamente. Foi uma imersão inesquecível para os surdos e ouvintes presentes, pois se pautava na representatividade surda, pura e simples. Oportunidade para os cursistas demonstrarem o aprendizado da Libras.

Thiolent (2018 p. 67) contribui reafirmando a necessidade de implicação dos participantes no processo de pesquisa realizado com vistas à promoção de mudanças quanto à situação problema apresentada. Semelhantemente, Thiolent (2009, p. 16) ressalta que, diante de uma sociedade que sofre mudanças constantemente, é essencial a utilização de uma pesquisa em que os sujeitos também são autores partícipes da pesquisa, sendo esta, então, construída de forma participativa, com a inserção dos vários pontos de vista sobre o tema problematizado. O autor explica ainda que novas descobertas são possíveis: “(...) baseadas em observação e questionamento e com base nelas seja possível firmar novas convicções entre os atores.”

Por esse motivo, o curso foi tão exitoso, porque através da observação e diálogos com o público presente em cada ação, pudemos além do aprendizado formar conceitos sobre inclusão de surdos. Macedo (2009) corrobora a respeito da observação, que “não há



fenômeno sem observador. Portanto, é sempre preciso começar pela pergunta: *como* é que o observador observa o que observa? Ora, se poderia dizer: o observador tem olhos, tem sentidos. Ele observa pelos sentidos, pelos olhos”.

Dessa forma a análise das observações e das perguntas diretas feitas sobre o curso básico de Libras, durante todo o processo; para feedbacks e percepções dos mesmos sobre a eficácia das estratégias pedagógicas propostas, estão apresentadas nas considerações finais.

Discorrido o tempo proposto para o curso, concluímos o mesmo no dia dezessete de dezembro de 2022. Em seguida aplicarmos o método pensado para avaliar as experiências, que no caso foi a utilização da metodologia de pesquisa qualitativa, com a observação dos posicionamentos dos participantes do curso. Através das análises obtivemos reflexões críticas sobre como aprimorar continuamente as práticas inclusivas e identificamos possíveis melhorias para futuras ações voltadas à inclusão de surdos na ambência acadêmica, em acordo com a revisão bibliográfica exposta no trabalho.

## Resultados e Discussões

As reflexões feitas pelas pessoas que frequentaram o curso são condizentes com o movimento na sociedade atual, que segundo Nídia Sá e Hilma Ranauro (1999, p. 35) tem reconhecido o modelo socioantropológico de educação do sujeito surdo, porque este modelo ressalta o respeito às diferenças como caminho indispensável, sendo a existência das comunidades surdas, das identidades surdas, das experiências visuais, marcas que os diferenciam de qualquer outro grupo, pois o que distingue um surdo de um ouvinte não é apenas a audição, mas os contextos sociais, visuais e culturais em que os surdos podem estar inseridos. (SÁ; RANAURO, 1999, p. 35).

Por isso, contrapondo-se aos pressupostos biomédicos que só se preocupam em quantificar o *déficit*, os surdos apoderaram-se do modelo social que não visa a olhar o nível da perda auditiva, e sim, que evidencia como o surdo experiencia a surdez, deixando óbvio, todavia, que cada surdo reconhece sua limitação e ressalta a experiência de ser e de estar no mundo, acessando-o por outro canal, no caso pela visão. Pontuamos este fato, porque, durante muito tempo, a surdez era vista apenas pelo ângulo médico terapêutico; em direção oposta, novos pressupostos vêm sendo concebidos no sentido de entender o Ser Surdo como diferença cultural e não como patologia clínica. Atualmente, devemos pensar o surdo com prerrogativas socioantropológicas e com visão interdisciplinar e transversal, atentos ao cenário psicossocial e cultural.



Todavia, mesmo que sejam diversos os modos e controversos os caminhos históricos para a inclusão social dos surdos, estes não deixam de insurgir-se. Cada vez mais políticos e conscientes da importância da representatividade, os surdos vislumbram algumas conquistas, após séculos de negação de sua capacidade cognitiva. Tendo isso em vista, os surdos não param de inscrever-se na história de nossa sociedade, protagonizando várias campanhas por transitabilidade. Cada vez mais têm tomado as rédeas do que pensam ser melhor para eles em mobilizações, difundidas amplamente por mídias digitais e sociais.

A maioria das campanhas, considera o pensamento de que a Libras influencia, ou mesmo delimita, a qualidade da educação do aluno surdo e as suposições do surdo como sujeito bilíngue não se contrariam, nem se esgotam com novas reflexões, ampliando sempre as possibilidades de comunicação e de integração dos professores com os alunos surdos. Ao explicitarmos a Libras como a principal metodologia que corroborada por outros recursos, caminham em vista da consolidação da educação bilíngue, lembramos que mesmo o reconhecimento da Libras, Lei de Libras, Nº 10.436 de 24 de abril de 2002, tendo se configurado em um marco histórico para o desenvolvimento de políticas adequadas de acessibilidade e inclusão dos surdos, os sujeitos surdos ainda se percebem como estrangeiros em seu próprio país.

A regulamentação da Lei supracitada pelo Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, oportuniza o reconhecimento da Libras como imprescindível para o desenvolvimento de políticas adequadas de acessibilidade surda enquanto reforça a relevância do ensino da Libras nas licenciaturas, que de acordo com a Lei, precisam aprender a língua de sinais. A autonomia na formação do aluno, torna importante esta apropriação porque este entendimento pode gerar atitudes que desafiarão cada estudante a serem agentes que amenizam a situação de isolamento linguístico que os surdos vivenciam por serem um povo sócio-cultural-linguístico.

A Lei de Libras trata especificamente de assuntos pertinentes ao surdo e reconhece a Libras como língua oficial dos mesmos, onde no Art.1º parágrafo único, se lê:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Não obstante, a língua portuguesa é imposta nos eventos educacionais mesmo que haja a presença do surdo. Vários autores revelam que recusar a acessibilidade da comunidade surda a Libras origina perdas significativas nos aspectos cognitivos, sócio afetivos, linguísticos,



civis, culturais e no ensino-aprendizagem dos surdos. O reconhecimento legal e não social da Libras dificulta a coexistência e viabilidade da Libras e o Português escrito na comunicação do surdo com surdo e surdo com ouvinte, sendo um impeditivo ao tão ansiado entrosamento bilíngue entre as partes.

Ao desenrolarmos a história de educação de surdo, vemos nos espaços, o que parece um embate linguístico onde a Língua Portuguesa sempre prevalece. Aranha (2010, p.19-24) trata o assunto dizendo que a educação não é apolítica nem espaço neutro, mas que ela reflete as disputas e confrontos de forças existentes na sociedade. E conclui que a escola sempre serviu ao poder, não oferecendo oportunidades iguais para todos, além de reproduzir discursos ideológicos dominantes. A autora Piovisan (2008, p. 888) completa as reflexões dizendo que: “Vale dizer, a diferença era visibilizada para conceber o “outro” como um ser menor em dignidade e direitos, ou, em situações limites, um ser esvaziado mesmo de qualquer dignidade, um ser descartável” mas, no mesmo texto contrapõe: “Ao lado do direito à igualdade, surge, também, como direito fundamental, o direito à diferença. Importa o respeito à diferença e à diversidade, o que lhes assegura um tratamento especial.” (PIOVISAN, 2008, p. 888)

Nesse sentido, quando trouxemos os surdos para mediar alguns temas do curso e ouvi seus depoimentos, contribuiu para nortear próximas conquistas. Ouvirmos os surdos foi fator de incentivo para continuarmos a pensar como promover a inclusão e a acessibilidade deles em instituições escolares, de acordo com as suas óticas. Frisar o protagonismo surdo favorece o aumento da sua visibilidade e da sua representatividade na sociedade. Por esse motivo, optamos também por trazer citações de autores da comunidade surda no decorrer do nosso artigo. No livro de Marília e Clélia Nogueira (2020), elas escrevem sobre a preocupação que a mãe delas tinha para que ela e a irmã surdas congênitas aprendessem a ler e sobre como a comunicação ficou mais fácil quando a mãe aprendeu a Língua de Sinais. Relatam também que, se o surdo não souber ler e escrever, a inserção social dele ficará prejudicada.

Tais considerações são cruciais para pensarmos iniciativas compartilhadas entre professores e estudantes, e que no caso dos surdos, não discrimine sua língua natural. Justamente para que não ocorra situações coadunáveis com o Congresso de Milão (1880), que nos faz refletir, se da mesma forma nos dias de hoje, manter um surdo dentro de uma sala, durante um período inteiro do dia, tendo apenas o português como língua de instrução, se não é uma forma simbólica de amarrar as mãos deles novamente.

Flores (2009, p. 71-72) revela: “Contextualizar os direitos como práticas sociais concretas nos permite ir contra a homogeneização, a invisibilização, a centralização e a



hierarquização das práticas institucionais tradicionais. Estaríamos, então, diante de um ‘intervencionismo humanitário’. O autor continua relatando:

Não podemos entender os direitos sem vê-los como parte da luta de grupos sociais empenhados em promover a emancipação humana, apesar das correntes que amarram a humanidade na maior parte de nosso planeta. Os direitos humanos não são conquistados apenas por meio das normas jurídicas que propiciam seu reconhecimento, mas também, e de modo muito especial, por meio das práticas sociais (FLORES, 2009, p. 72)

Frente a essa realidade, acreditar no potencial do surdo, usar os recursos corretos para cada especificidade surda, ser diligente nas cobranças das políticas públicas vigentes, são imprescindíveis para o desenvolvimento do surdo. Da mesma forma que a promoção da inclusão e acessibilidade, perpassa por ações com os surdos, frisando o protagonismo surdo. O ideal é que cada surdo fale de si mesmo, de como se identifica, porque isso favorece o aumento da visibilidade e da representatividade dos surdos nas atividades e eventos de ambência acadêmica.

Por este motivo, a palestra da Pró-Reitora no nosso grupo no dia vinte e três de março de 2021, foi um momento para dissertarmos sobre o estranhamento de não saber de nenhum graduando surdo na Universidade, pelo menos no departamento de educação. Outro ponto levantado era que nos chamava atenção ver surdos participando apenas de eventos direcionados para eles, não víamos a presença de surdo em nenhum outro evento. E quando acontecia de ter algum surdo em eventos que não fossem direcionados para eles, nunca tinha intérprete. Retratávamos sobre ir em eventos que tinha intérprete e não tinha surdo, que também nos inquietou do mesmo modo. Levantamos todas estas questões, e comparávamos a falta de acessibilidade surda descrita acima com a beleza do evento que ela tinha coordenado semanas antes, o I CEU – I Congresso de Extensão Universitária, em que todas as mesas tinham intérpretes.

Então, aproveitamos o momento para fazer questionamentos propositivos sobre já que a universidade oferta cursos de outras línguas estrangeiras, porque não oferta a Libras. Justificamos a proposição lembrando que teríamos o aumento quantitativo e qualitativo de intérpretes, que fariam esse curso com o compromisso de assumir a demanda da casa também. Comentamos que possivelmente a falta de intérpretes nos eventos são o motivo que reverbera em ausência do público surdo nas nossas atividades. O público inicial desta formação poderia ser os graduandos em licenciatura, que de acordo com o Decreto 5.636/2005, precisam aprender a língua de sinais. Uma outra proposta feita foi a de se contratar intérpretes que atendam as demandas de eventos educacionais organizados pela



universidade, porque a maioria deles não tem acessibilidade ao surdo da Libras, descumprindo os dispositivos legais da Lei Brasileira de Inclusão, Nº 13.146/2015 (LBI). A Pró-Reitora responde que as argumentações colocadas precisam ser pensadas.

Ultrapassando esse momento discursivo, realizamos no grupo de pesquisa um curso de extensão inclusivo, no período entre treze a dezesseis de setembro de 2021. Partiu das articulações do grupo para que os componentes de cada linha de pesquisa desenvolvessem cursos de extensão de acordo com as temáticas delineadas em cada linha de pesquisa. Nossa equipe, Linha 3, tem como vertente: Educação Especial e Inclusiva e Processos Tecnológicos. Decidimos por uma proposição que ofertasse a oportunidade de uso de um recurso que ampliasse estratégias de trabalho da coordenação pedagógica, numa perspectiva inclusiva, frente a sua função de formador. Após várias reuniões optamos pela utilização da plataforma Canva como recurso para potencializar estratégias pedagógicas junto aos estudantes com limitações específicas, com foco especial nos surdos, fruto da experiência e indagações suscitadas inicialmente pela participação no referido Congresso.

Ter um direcionamento maior para os surdos no uso do Canva, permitiu que expuséssemos para o grupo presente, três conceitos que julgávamos importantes para nossas reflexões no curso, a saber: pedagogia visual, comunicação visual e mídia visual, definidos no site da INFOESCOLA (2021). Os quais são especificados como propostas que facilitam a acessibilidade dos surdos a vários materiais didáticos. Orientamos que tratar mais do visual em qualquer mediação para a pessoa com surdez é bem apropriado, justamente porque os surdos são predominantemente visuais. Discorremos sobre o Canva permitir o uso da Libras e do Português oral e escrito simultaneamente. Que podemos contar uma história infantil, colocando o link que desejar, ou fazer algum vídeo em Libras e adicionar ao slide. Ainda lembramos aos participantes que o material utilizado não deve ter letras piscantes ou com muitos movimentos, para não tirar o foco dos surdos; se precaver da poluição visual; usar textos curtos, estruturas simples, sem metáforas; evitar muito conteúdo em um único slide.

Este curso foi reconhecido como um momento muito rico para todos. Foi revelado durante o curso, frequentadores que já estavam colocando em prática, com seus colaboradores as competências mediadas, e estes em suas salas de aula, onde havia aluno surdo.

Outro momento contagiate foi o encontro do grupo no dia dezesseis de julho de 2022, quando, como parte de um Colóquio, com várias temáticas, pensado para os encontros do grupo, pudemos nessa data apresentarmos durante todo encontro, vários tópicos sobre a temática surda. Falamos da educação de surdo, desmistificamos alguns conceitos sobre a surdez, apresentamos alguns pesquisadores surdos, ensinamos alguns sinais em Libras e



depois recebemos um graduando surdo para fazer um relato de sua experiência e as implicações educacionais como aluno surdo no contexto inclusivo. Foi durante este encontro que surgiu a ideia de implementar um curso de Libras básica para o grupo. E por ter consciência da importância da autonomia e protagonismo surdo, que ressaltamos mais uma vez, a importância da vinda, durante o curso básico de Libras, de pessoas com surdez para nossas preleções. Um dos convidados é professor e falou sobre empréstimos linguísticos e expressões faciais; a outra pessoa surda é Design de Modas e relatou suas vivências e trajetórias educacionais; uma outra oportunidade contagiante foi conhecer um empresário surdo de sucesso, no seu local de trabalho.

Perceber que agentes multiplicadores, por intermédio dos encontros do grupo de pesquisa, foram incentivados a pensar a inclusão do surdo e que muitos se propuseram a aprender a Libras, renova nossas esperanças em um mundo melhor e nos motiva a continuar a contribuir com as mudanças necessárias. Essas pequenas ações demonstram o quanto eficientes podem ser as articulações entre pesquisa, ensino, extensão na integração com a diferença. Isso é fator de incentivo para continuarmos a pensar como promover a inclusão e acessibilidade com os surdos em instituições escolares, visando o aumento da representatividade e participação ativa dos surdos nas atividades e eventos de ambientes acadêmicos. Veremos no tópico seguinte algumas das proposições abalizadas pelos integrantes do curso de Libras básico.

## Considerações Finais

Logo de início verificamos que é imprescindível investir na difusão do conhecimento e promover estudos e atividades práticas como oficinas pedagógicas embasados nas teorias que sustentam a educação bilíngue, a cultura surda e políticas de acessibilidade linguísticas. Ideal que se encontram em andamento considerando o dinamismo do grupo de pesquisa na busca por atingir os objetivos propostos. Sendo os principais, àqueles que apontam para a necessidade de se investir na docência e também ampliar para a comunidade acadêmica estas vivências, assim como o envolvimento dos familiares para comunicar-se com as mãos. Diante do exposto, a experiência do curso de Libras cumpriu *a priori* a função de sensibilização, de conhecer para compreender como ocorre a comunicação, contribuindo para a difusão do conhecimento da Libras e *a posteriori* os participantes receberiam a formação continuada, através de cursos modulares, pois, por se tratar de uma Língua, é necessário estudos frequentes e contato com a comunidade surda para ampliar os saberes e os conhecimentos.



Outros pressupostos advindos das observações e discussões de como promover a inclusão e acessibilidade, infere sobre ser essencial a implementação de políticas públicas que garantam colocar em prática as leis já existentes e que redundem em participação no desenvolvimento das escolas, a fim de contribuir com melhorias estruturais; também a que revela a necessidade do educador ter o conhecimento das particularidades do estudante surdo para utilizar adaptações adequadas às condições pedagógicas, no processo ensino-aprendizagem do aluno com surdez; outra que incentivam vencermos conceitos e estereótipos no que tange à educação de surdos e à relação entre surdez e deficiência, o que acaba por colocar o surdo em uma situação de exclusão dentro de um universo comum que se diz inclusivo.

De modo igual, as que vislumbra que o trabalho com dispositivos de perspectiva bilíngue, contemplando imagens e textos escritos em sua tridimensionalidade, visto que a criança surda se apoia muito pouco ou nada na oralidade, deve ser priorizado; da mesma forma, lembrar que o uso da Libras no cotidiano do surdo tem vital importância e deve ser levado em consideração, motivo pelo qual sugerimos o aprendizado da Libras e a utilização dessa Língua como um dos instrumentos de ressignificação da integração com o surdo; considera-se, então, que de um modo geral, não haver a presença de intérpretes em determinados ambientes acaba por excluir a comunidade surda das informações veiculadas.

Pensando nesses relatos e por sabermos quanto de luta e investimentos a educação necessita para termos resultados de aprendizados equalitários, desejamos, reafirmar o interesse do grupo de cumprirmos o objetivo de continuar pesquisando sobre a inclusão de surdos. Caminharemos na pretensão de dialogar com a sociedade sobre este tema, que pode ser explorado com mais profundidade em futuros estudos.

## Referências

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia Geral e Brasil.** 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2010.
- BAALBAKI, Ana Corrêa Ferreira, & TEIXEIRA, Vanessa Gomes. (2017). **Pelo desejo da língua:** Uma entrevista com o Professor Luis Ernesto Behares. *Interagir: Pensando a extensão*, (23), 191–211. <https://doi.org/10.12957/interag.2017.25838>
- Brasil, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.
- Brasil, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002.



Brasil, Lei 13.146 de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, 2015.

CARNEIRO, Marilia Ignatius Nogueira. IGNATIUS, Celia Maria. **O Uso da Escrita pelo Cidadão Surdo no Contexto das Mídias Sociais**. Curitiba: CRV, 2020.

FLORES, Joaquín Herrera. **A reinvenção dos direitos humanos**. Joaquín Herrera Flores; tradução de: Carlos Roberto Diogo Garcia; Antônio Henrique Graciano Suxberger; Jefferson Aparecido Dias. – Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.

INFOESCOLA. [S.I.: s.n], 2021. Disponível em: <https://www.infoescola.com/>. Acesso em: 10/09/2021.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Um rigor outro** sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas /Roberto Sidnei Macedo, Dante Galeffi, Álamo Pimentel; prefácio Remi Hess. - Salvador: EDUFBA, 2009.174 p.: il. pp. 52, 95

SÁ, Nídia Limeira de; RINAURO, Hilma. **Considerando as pessoas com deficiência**. Manaus: Semente de Vida, 1999.

PIOVESAN, Flávia. **Ações afirmativas no Brasil**: desafios e perspectivas. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, UFSC, v. 16, n. 3, p. 887-896, set./dez. 2008.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 2009, p.16

THIOLLENT, Michel. Construção do conhecimento e metodologia da extensão. **Revista Cronos**, [S. I.], v. 3, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/15654>. Acesso em: 07/07/2018.

Recebido em: 30/11/2023

Aceito em: 21/10/2024